

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

TEREZINHA LIRA DE SOUSA

**REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE AVALIAÇÃO DA  
APRENDIZAGEM**

106

Terezinha Lira de Sousa

## **REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pedagogia CFP/UFCG, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, habilitação em Supervisão Escolar

Orientadora: Professora Ms. Maria de Lourdes Campos

Cajazeiras PB  
2006



S725r Sousa, Terezinha Lira de.  
Reflexões teóricas sobre avaliação da aprendizagem /  
Terezinha Lira de Sousa.- Cajazeiras, 2006.  
50f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade  
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de  
Professores, 2006.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Aprendizagem educacional. 2. Avaliação educacional.  
3. Avaliação da aprendizagem. I. Campos, Maria de Lourdes.  
II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de  
Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.015.3

“Eu espero na medida em que começo a busca, pois não seria possível buscar sem esperança”.

Paulo Freire

## **DEDICATÓRIA**

A minha querida mãe (IN MEMÒRIA) Zilda Alves de Sousa, pelo estímulo, pela força que me deu em vida e mesmo ausente, sua confiança em mim me deu ânimo para continuar e concluir este curso.

## **Agradecimentos**

Primeiramente a Deus por ter me dado forças e iluminação no decorrer de minha caminhada.

A todos que contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional direta e indiretamente.

Em especial, agradeço aos meus familiares que sempre me apóiam. A todas as crianças estudantes que possibilitaram minha prática educativa e a professora e orientadora Maria de Lourdes Campos, por acreditar e apoiar seriamente este trabalho.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

### CAPÍTULO I

<b>1. REFLEXÕES TEÓRICAS.....</b>	<b>09</b>
1.1. Histórico da avaliação.....	09
1.2. Concepções .....	13
1.3. Funções da avaliação.....	21

### CAPÍTULO II

<b>2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>23</b>
2.1 Caracterização do estudo de campo.....	25

### CAPÍTULO III

<b>3. ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>26</b>
----------------------------------	-----------

### CAPÍTULO IV

<b>4. Atividades realizadas com os docentes, diretora e supervisora.....</b>	<b>29</b>
--	-----------

### CONCLUSÕES

### REFERÊNCIAS

### ANEXOS

## Introdução

O processo avaliativo tem como finalidade a melhoria da ação pedagógica visando a promoção moral e intelectual do aluno, é um processo contínuo, dialógico e cooperativo, através da qual educandos e educadores aprendem sobre si mesmo e desenvolvem suas potencialidades.

Analisando o processo ensino-aprendizagem na Escola Estadual Jaime Meira Fontes, observa-se as dificuldades: falta de apoio e incentivo das famílias, condições financeiras dos educandos e falta de recursos que favoreça um equilíbrio entre o que a sociedade oferece e a escola. Embora haja grandes obstáculos e distorções entre teoria e prática avaliativa, o desejo de se aprimorar leva o docente a participar de estudos, encontros treinamentos ou seminários a fim de propiciar o crescimento do sistema educacional.

Optei pela temática: “Reflexões teóricas sobre a avaliação da aprendizagem”, objetivando conhecer como acontece o processo avaliativo em sala de aula, as concepções dos professores sobre a avaliação, e como esta se realiza dentro do sistema de ensino, identificando a sua aplicação e os instrumentos que estão sendo utilizados no cotidiano escolar com o objetivo de analisar e identificar as concepções de avaliação e seus instrumentos utilizados pelos docentes.

Diante de minha prática como educadora, constatei que a avaliação é um processo que requer tanto a participação do docente como do discente, não é uma prática desvinculada do fazer pedagógico. Nesse sentido, o processo dicotimiza-se: onde o professor transmite os conteúdos ou apenas vê-los, levando em consideração “o aprender por aprender”.

Diante disso, o professor utiliza instrumentos de ameaça para a obtenção do comportamento desejado e com isso a avaliação deixa de proporcionar uma oportunidade de aprendizagem para ser um momento de “acerto de contas” entre aluno e professor.

Durante o estágio, percebi que a maior preocupação do educador é com relação a nota do aluno. Fundamentado que as provas ou testes são elaborados para testar os mesmos levando em consideração a nota alcançada. Com isso, o processo de aprendizagem e a capacidade de cada aluno é medida através do seu desempenho. Esse tipo de avaliação traduz a prática atual da maioria das escolas que elaboram um programa no início de cada ano letivo e deixam de considerar o que realmente é relevante para os alunos.



Nessa perspectiva, o educador deve pensar em uma avaliação de forma a superar essa visão estática e classificatória, pensando no processo como um todo, criando na escola possibilidades de reflexões e compromisso com a aprendizagem do aluno. Com este pensamento, o professor precisa manter uma postura pedagógica criativa e renovadora, buscando formas e alternativas de avaliação.

O processo avaliativo deve estar voltado para o desenvolvimento de capacidades de aprendizagem do educando, promovendo assim, a avaliação função diagnóstica e libertadora.

É importante observar que a avaliação tem um papel extremamente significativo para a educação e vida do aluno, uma vez que apresenta ao educador informações concretas sobre o nível de aprendizagem de ensino e de desenvolvimento do educando. O ato de “avaliar” de modo geral, vai além do que imaginamos, ou seja, vai além dos levantamentos quantitativos e é uma tarefa bem mais complexa e acima de tudo necessária ao trabalho decente.

Com base na consideração desses aspectos, a avaliação deve subsidiar o projeto político-pedagógico da escola para que o professor reflita a sua ação docente e o educando possa demonstrar seu desempenho, construindo conhecimentos visando dessa forma, uma maior flexibilidade e descentralização do autoritarismo por parte do professor na avaliação da aprendizagem, oferecendo critérios com objetivos propostos para a realização de uma avaliação de qualidade, preocupada e comprometida com a realidade do aluno, situada no seu contexto social, afetivo e psicológico, almejando o desenvolvimento da capacidade e não a rotulação classificatória, mas valorizando a busca dos fortalecimentos dos veículos de família e laços de solidariedade, indo mais além que a informação, chegando a formação de cidadãos comprometidos com a transformação da sociedade, tendo em vista a democratização do ensino e o estabelecimento da autonomia do educando.

Assim, o objetivo da avaliação é contribuir para que os professores da Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental Jaime Meira Fontes – Sousa – Paraíba, passem a refletir melhor sobre a sua prática avaliativa, mas especificamente sua aplicação, sua função e conseqüências para o aluno.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresentamos as teorias que deram suporte para o entendimento do estudo, possibilitando reflexões sobre o histórico da avaliação, concepções de avaliação; funções de avaliação; tipos de avaliação.

No segundo capítulo, os procedimentos metodológicos; objetivos; instrumento de coleta utilizado; amostra e caracterização da escola trabalhada.

No terceiro capítulo, apresentamos a análise dos dados coletados através do questionário aplicado aos professores da escola Jaime Meira Fontes.

No quarto capítulo apresentamos as atividades desenvolvidas no estágio e por fim, as conclusões.

## CAPÍTULO 1

### **Avaliação Escolar: reflexões teóricas sobre a avaliação da aprendizagem.**

“A ação avaliativa mediadora se desenvolve em benefício do educando e dá-se fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e quem é educado” (HOFFMANN, 1979, p. 94).

A temática avaliação da aprendizagem tem suscitado grandes discussões pelos profissionais envolvidos em educação e comprometidos com a qualidade do trabalho educativo. Face a complexidade do processo avaliativo se faz necessário repensar a prática avaliativa no sentido de redimensionar este processo considerando desse modo a construção do conhecimento, experiências e individualidades dos alunos ajudando-os a prosseguir de acordo com seus ritmos e interesses.

Para compreender o processo avaliativo da aprendizagem é necessário fazer uma retrospectiva histórica, com o objetivo de rever os diferentes momentos da prática como forma de refletir sobre os procedimentos utilizados para avaliar o desempenho do aluno no tocante á aprendizagem.

#### 1.1 Histórico da Avaliação:

Por volta de 1928, encontra-se um enfoque do contexto histórico no processo avaliativo denominado abordagem quantitativa e abordagem qualitativa, os quais demonstram a necessidade de uma transformação social.

Na abordagem quantitativa, com fundamentação na objetividade, tendo por objetivo mudanças comportamentais observáveis e mensuráveis, que têm como meta a tomada de decisões. A avaliação de caráter objetivo comprova os conhecimentos assimilados pelos alunos de acordo com os objetivos e os conteúdos trabalhados, pois a mesma, possibilita, de forma clara e precisa a extensão de conhecimentos, habilidades, atitudes estabelecendo uma ligação entre a subjetividade que atendem não só as necessidades e condições internas dos alunos, como os propósitos e objetivos do professor.

Isso não significa excluir a subjetividade do professor e dos alunos, que está sempre presente na relação pedagógica; mas a subjetividade não pode comprometer as exigências objetivas, sociais e didáticas, inerentes ao processo de ensino. Para garantir a

exigência de objetividade, nós como professores, tentamos explicar instrumentos e técnicas diversificadas de avaliação.

Neste sentido, pode-se classificar três tipos de técnicas de avaliação, sendo estas, tarefas para medir uma amostra de comportamento do indivíduo em determinado tempo, podendo ser oral ou escrito, informal ou padronizado e acima de tudo objetivo. O auto relato: o indivíduo informa sobre si mesmo. A informação é usualmente obtida por entrevista ou questionário. Enfim; a observação do indivíduo numa variedade de situações. No caso da escola, professores e alunos têm várias oportunidades de observar seus comportamentos.

Essas técnicas de avaliação devem ser selecionadas em razão dos propósitos que devem ser atendidos. A utilização de uma variedade de técnicas de avaliação é adequada para apreciar o progresso dos alunos com relação a todos os resultados da instrução, por isso, é necessário o conhecimento das vantagens e limitações das técnicas por serem utilizadas. Segundo Clarilza (1993, p. 36) apud Grolund (1971, p. 36), “A avaliação é um meio para um fim e não um fim de si mesma”.

Para tanto, é preciso tratar os fatos sociais como coisas, exatamente como o cientista da natureza trata os fenômenos naturais. Clarilza (1993, p. 16), afirma que “A objetividade passa a ser buscada a todo o custo, sem o que a atividade científica estaria seriamente abalada”. A ciência, diz o autor, é um empreendimento social e público [...] mas uma regra importantíssima do empreendimento científico e que todos os procedimentos sejam “objetivos” – feitos tal forma, que haja ou possa haver acorde entre juízes, porque quanto maior a objetividade mais os procedimentos afastam-se das características humanas, e de suas limitações, ou seja quanto mais objetivos, mais contrário às opiniões, compreensões, as considerações ou dissertações sobre determinado assunto.

Na década de 30, a medida que as aptidões humanas avançavam em consequência desse movimento de caráter psicopedagógico, floresceram os testes padronizados, através desses testes amplia-se os estudos avaliativos do desempenho dos alunos incluindo também outros instrumentos. Com isso, os estudos desenvolvidos causou grande e duradouro impacto nos meios educacionais.

Podemos verificar esta prática através do enfoque avaliativo que na visão de Saul (1995, p. 27, apud Tyler, 1949, p. 105-106),

[...] A avaliação é o processo destinado a verificar o grau em que essas mudanças comportamentais estão ocorrendo [...] a avaliação deve julgar o comportamento dos alunos, pois o que se pretende em educação é justamente modificar tais comportamentos.

Nesta perspectiva, a avaliação é tida como um processo mediante o qual determina-se o grau em que as mudanças do comportamento estão realmente ocorrendo, ou seja, o processo avaliativo consiste, basicamente, na determinação de quanto os objetivos educacionais estão sendo atingidos por programas curriculares e instrucionais. Todavia, como os objetivos educacionais expressam mudanças em seres humanos, isto é, os objetivos visados traduzem certas mudanças desejáveis nos padrões comportamentais do aluno. Enfim, a educação em si, é um processo que visa modificar a conduta dos estudantes, essas mudanças no comportamento, constituem os objetivos da educação.

A definição destas idéias no cenário educacional brasileiro se deve por meio do ideário pragmático behaviorista americano que segundo Saul (apud Lima, 1994, p. 69) “Subordina a avaliação a uma série de quesitos comportamentais que se desdobram em tecnologias diversas entre as quais a “instrução programada” e a prova objetiva”.

No decorrer da história, o processo avaliativo no Brasil pôde ser observado que, desde o início “a avaliação” em si tinha como objetivo principal medir o nível da aprendizagem do aluno por meio da aplicação de provas e obtenção de notas. E que apesar dos avanços da modernidade a avaliação da aprendizagem escolar, ainda continua sendo desenvolvida, na maioria das vezes com essa finalidade.

Diante da visão de José Alberto Pedra (p. 31, apud. Johnson, 1964) currículo “é uma série estruturada de resultados buscados na aprendizagem”, currículo são “todas as experiências que os estudantes desenvolvem sob a tutela da escola”. O currículo é um intento de comunicar os princípios essenciais de uma proposta educativa de tal forma que fique aberta ao exame crítico e possa ser traduzido efetivamente para a prática.

No Brasil, a trajetória do pensamento curricular, tem início na década de 50, com a publicação da “introdução ao estudo do currículo da escola primária”, de Roberta Moreira. Nesse estudo, o autor diz que o currículo escolar é o conjunto organizado da atividades de aprender e ensinar, que se processam na escola. Historicamente o termo “currículo”, surgiu na literatura educacional, produzindo em escala industrial o que antes era produzido em escala familiar. O “saber fazer”, que era patrimônio familiar, passa ao “poder fazer”, industrial.

Se por um lado, os modos de produção industrial, aperfeiçoavam-se, influenciando o pensar e o fazer currículo, surgiam os outros movimentos sociais que contraditavam os pressupostos “industriais” e, de certo modo, recusavam tal influência, mais o currículo, se compreendermos como algo que participa de um processo social mais amplo; compreendemos também, que qualquer currículo traz a marca da cultura na qual foi produzido.

Para tal razão é que vemos que, no currículo estão contidos mais que os conteúdos que constituem as disciplinas, mas também, as concepções de vida social e as relações que animam tal ou qualquer que seja a cultura, o meio. Buscando basicamente a medida matemática dos dados.

Quando se trabalha sob a perspectiva de uma avaliação qualitativa/quantitativa, possibilita-se a aplicação dos procedimentos avaliativos uma vez que a avaliação quantitativa pode contribuir para identificar os acertos e erros e a avaliação qualitativa para compreender as causas dos erros. Percebe-se que na abordagem qualitativa em contrapartida questiona a limitação dos testes padronizados para avaliar o que o professor ensina e o que o aluno aprende. Segundo Luckesi (1997, p. 66), “(...) uma avaliação escolar realizada com desvios pode estar contribuindo significativamente para um processo que inviabiliza a democratização do ensino”.

Portanto, o docente precisa estar consciente do poder da avaliação, tanto dentro do contexto escolar como também, dentro da própria sociedade. Se o professor trabalhar na perspectiva de elaborar testes inadequados, provas de difícil compreensão, essa prática só vai intimidar o aluno e contribuir para o seu fracasso escolar, agindo de forma totalmente antidemocrática.

Para que a avaliação sirva a democratização do ensino, segundo Luckesi (1992, p.81) precisa assumi-la, “ como instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vistas tomar decisões suficientes para que possa avançar no seu processo de aprendizagem”.

A avaliação não deve ser somente um instrumento para a aprovação ou reprovação do aluno, mas sim, um instrumento diagnóstico de sua situação, visando a definição de encaminhamento adequados para sua aprendizagem. Na prática da avaliação preocupadas com a transformação, deverá estar atenta aos modos de superação do autoritarismo e ao estabelecimento da autonomia do educando, pois o novo modelo social exige participação democrática de todos.

Isso significa igualdade, fato que não se dará se não conquistar a autonomia e a reciprocidade das relações. O sistema educacional brasileiro vem sofrendo profundas transformações, o que ocasiona e exige mudança formal e política dos que estão envolvidos na ação educativa.

## 1.2 Concepções de Avaliação

A avaliação da aprendizagem apresenta diferentes concepções no que se refere às abordagens teórica e prática. Segundo Luckesi (2002, p. 33),

A definição mais comum adequada, encontrada nos manuais, estipula que a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão [...] quando se trata de um processo, como é o caso da aprendizagem.

Os dispositivos sobre avaliação na nova LDB Lei nº 9.394/96 determinam que “os alunos sejam avaliados levando-se em consideração seu desempenho ao longo do processo e não apenas as eventuais provas finais ou bimestrais devendo esse processo ser contínuo e cumulativo”. A idéia é que os “aspectos qualitativos” do aproveitamento escolar venha superar os “aspectos quantitativos, ou seja, vale mais o progresso no estudo do que o desempenho nas provas.

[...] Em outras palavras, dar nota não é tudo. E aliás, muito pouco em comparação a todos os instrumentos que podem e devem ser usados para verificar se o aluno está realmente aprendendo. A lei garante que os conteúdos metodológicos, e forma de avaliação devem ser organizados de tal maneira que o aluno demonstre o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.

Enfim, avaliar, é auxiliar o educando no seu crescimento e, por isso mesmo na sua integração consigo mesmo, ajudando-o na apropriação dos conteúdos significativos. conhecimentos habilidades, hábitos, convicções, a avaliação, apresenta-se como um meio de possibilitar suporte ao educando no seu processo de constituição de si mesmo, como sujeito existencial e como cidadão, permitindo a tomada de decisão e tendo em vista o auto desenvolvimento.

A avaliação na perspectiva classificatória, tem como característica marcante, a classificação do aluno segundo o nível de aproveitamento ou rendimento escolar alcançado, acontece por meio de atividades e avaliações. É comum entre os professores que desempenham uma prática avaliativa tradicional. Nesse sentido, Luckesi (2000, p. 35) afirma que, “com a função classificatória a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento”. Ou seja, o julgamento de valores, que teria a função de possibilitar uma nova tomada de decisão sobre o objeto avaliado, passa a ter uma função estática de classificar um objeto ou um ser humano no histórico num padrão definitivamente determinado.

Do ponto de vista da aprendizagem escolar, poderá ser definitivamente classificado como inferior, médio ou superior. Classificações essas que são registradas e transformadas em número à chegar em médias.

Compreendendo que a avaliação é um dos requisitos essenciais para o pleno desenvolvimento do ser humano, é necessário que se tenha uma prática de avaliação constante dentro da sala de aula, para se obter resultados benéficos e eficientes no processo de ensino-aprendizagem. É preciso portanto, emergir naturalmente de forma dinâmica. É um ato que subsidia o educador a compreender como está se processando a construção do conhecimento do aluno.

Sob esta ótica, entende-se que a avaliação vai muito além do que a simples medida para obtenção escolar. A superação da prática autoritária depende em grande parte da conscientização do professor. Sendo a escola, de certa forma reflexo social, os professores necessitam adotar modelos teóricos fundamentados, não apenas em medidas classificatórias e excludentes, mas em práticas baseadas numa concepção política de avaliação, que conceba ao aluno não apenas como detentor de quantidades de conhecimentos, mas como elemento ativo de sua própria avaliação. Considerando esta argumentação, faz-se necessário mudar o discurso pedagógico, tendo coragem de dizer que o problema não é ausência de conteúdo ou falta de pré-requisitos.

Para que o aluno desenvolva e construa seu próprio conhecimento de forma eficaz, para que seja bem sucedido no meio em que vive, faz-se necessário rever a prática avaliativa no contexto escolar de forma a torná-la um fator positivo de mudanças no processo. Além disso, fica claro que enquanto a avaliação for realizada com o objetivo de atribuir notas ao aluno, ela não contribui para um maior desenvolvimento da



aprendizagem, ao contrário, pode ser um dos fatores que gera um maior índice, tanto de evasão como de reprovação escolar.

O professor traduz um modelo pedagógico que reproduz a distribuição social das pessoas, os que são considerados “bons” e “médios” e “inferiores”. Luckesi (2000, p. 36) afirma que

Os mais aptos, socialmente permanecem na situação de mais aptos e os menos aptos, do mesmo ponto de vista, permanecem menos aptos. Ou seja, o ritual pedagógico não propicia nenhuma modificação na distribuição social das pessoas, e, assim sendo, não auxilia a transformação social.

Nesse sentido, é fundamental que a avaliação deixe de ser instrumento de classificação, seleção e exclusão social e torne-se uma ferramenta voltada para a construção coletiva de uma escola de qualidade para todos.

A avaliação na concepção Diagnóstica depende da postura do educador, da sua concepção de educação e do processo ensino-aprendizagem. Nesta perspectiva, a avaliação fundamenta o educador no auxílio ao seu processo de competência para autonomia. Logo a avaliação diagnóstica constitui um processo dialético de avançar no desenvolvimento da ação, da competência numa escalada dinâmica.

O ato avaliativo, nesta ótica, serve como reflexão no repensar a prática do professor e a este cabe retomá-lo com o intuito de transformar ou aperfeiçoar, porém, nunca dar um ponto definitivo, mas suscitar reflexões. Neste processo avaliativo é indispensável que o professor analise-o, estude-o e reconheça profundamente para não lhe ser atribuído características (ou funções) distorcidas, mas interpretá-lo dentro de sua verdadeira proposta. Luckesi (1997, p. 44) destaca que;

O resgate do significado diagnóstico da avaliação, que aqui propomos como encaminhamento para a ultrapassagem do autoritarismo, de forma alguma quer significar menos rigor na prática da avaliação. Ao contrário, para ser diagnóstica, a avaliação deverá ter o máximo possível de rigor no seu encaminhamento. Pois que o rigor técnico e científico no exercício da avaliação garantirão ao professor, no caso, um instrumento mais objetivo de tomada de decisão. Em função disso, sua ação poderá ser mais adequada e mais eficiente na perspectiva da transformação.

No procedimento de uma avaliação diagnóstica faz-se necessário, ainda, que o professor e aluno sejam conduzidos ao esclarecimento do que venha a ser a necessidade do cumprimento dos mínimos necessários para que cada indivíduo participe democraticamente da vida social. Compete pois, a avaliação verificar a aprendizagem a partir dos mínimos necessários para a vida do educando e não como os mínimos

possíveis para ser aprovado, porque assim necessitaria e merecia reorientação para a superação da deficiência. É preciso unanimidade nas condições mínimas de competências para ávida social.

A avaliação é pois, um termômetro da prática avaliativa, sendo fruto do planejamento do educador. É um período que tem como função verificar como os conhecimentos anteriores se deram e quais as prioridades que devem fazer parte do planejamento para superar as dificuldades e deficiências encontradas para assim serem superadas. Em suma, Sant'Anna confirma que a avaliação: “Visa determinar a presença ou ausência de conhecimentos e habilidades inclusive buscando detectar pré-requisitos para novas experiências de aprendizagem. Permite averiguar as causas de repetidas dificuldades de aprendizagem”. Segundo Luckesi (2000, p. 34-35),

O movimento de avaliação deveria ser “um movimento de fôlego” na escalada para em seguida, ocorrer a retomada da marcha de forma mais adequada, e nunca um ponto definitivo de chegada, principalmente quando o objetivo da ação avaliativa é dinâmica como no caso a aprendizagem.

Nesse caso, a avaliação como um processo e o crescimento dinâmico auxilia o avanço e o crescimento do educando no sentido de inseri-lo de forma autônoma, reflexiva e crítica no contexto social. O processo dá-se no cotidiano das pessoas, tendo em vista que toda vida humana é pautada por referenciais, julgamentos que fazemos sobre nossos atos. Sobretudo, dentro do âmbito educacional, a avaliação escolar adquire um papel altamente significativo por permitir analisar o estado no qual se encontram os elementos envolvidos no contexto . o professor tem o papel fundamental de mediar, orientar, acompanhar e organizar atividade adequada ao aos interesses e possibilidades do grupo, uma vez que para Hoffmann (2001, p. 139), “mediar experiência educativa significa acompanhar o aluno em ação reflexiva – reflexiva - ação”.

A avaliação escolar precisa ser precedida por uma reflexão observando o contexto extra-escolar e escolar. A escola não deve se limitar a um conjunto de salas de aula em que o saber acumulado é repassado de forma inquestionável, acrítica e passiva. Constitui-se um espaço de pesquisa , observação e experimentação onde se descobrem, inventam, constroem conhecimentos coletivamente, a partir dos avanços já alcançados pela humanidade.

A escola deve utilizar processos que privilegiem a autocrítica, a participação e o envolvimento em ações e situações reais de vida do aluno. A avaliação diagnóstica faz parte deste processo e constitui-se como recurso indispensável para uma caminhada

eficaz e bem sucedida. A avaliação assim concebida constitui um marco pedagógico que permite à recuperação acontecer ao mesmo tempo em que as falhas são detectadas. Luckesi (1995) aponta o caminho voltado mais para o papel do professor neste processo, uma vez que é ao professor que cabe em última instância, definir sobre a vida escolar do aluno, sua aprovação ou repetência.

O educador precisa resgatar a função diagnóstica da avaliação, utilizando-a como um instrumento de reconhecimento dos caminhos percorridos e a identificação dos caminhos a serem perseguidos. O encaminhamento do processo avaliativo de ensino aqui apresentado, fundamenta-se numa avaliação diagnóstica do trabalho docente e da aprendizagem do aluno, sem no entanto, abolir a aplicação de provas como instrumento de verificação de aprendizagem.

Apenas, enfatiza um outro caminho, no qual este método pode ser utilizado de forma a contribuir para o desenvolvimento do fracasso de ensino-aprendizagem, estabelecendo o que Luckesi (1997, p. 96) denomina como: “[...] um padrão mínimo de conhecimento, habilidades e hábitos que o educando deverá adquirir, e não uma média mínima de notas, como ocorre na prática escolar”.

Faz-se necessário esclarecer que este mínimo representa o limite mais baixo a ser admitido numa aprendizagem essencial, o qual irá orientar a prática docente no tocante a construção de um conhecimento significativo a partir da transmissão de conteúdos e desenvolvimento de habilidades e convicções do educando.

Outro meio de verificar a aquisição de conhecimento do aluno que é menos formal do que uma prova, embora de grande valor na compreensão e apreensão da real aprendizagem é a observação. Ela pode ser feita diariamente pelo docente, que irá detectar dificuldades apresentadas pelo educando sobre determinado conteúdo, servindo dessa forma, como orientador ao percurso da prática pedagógica escolar.

Sendo assim, a avaliação escolar é um componente indissociável do processo de ensino-aprendizagem, a qual visa através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação as atividades didáticas seguintes. A avaliação deve assumir a sua função diagnóstica a qual tem a finalidade de diagnosticar o nível de desenvolvimento e os fatores que estão impossibilitando o sucesso para agir sobre elas nas etapas seguintes.

A nota é consequência da avaliação, não a razão de sua existência, como também, o erro que for encontrado na correção das provas, não devem ser vistos como condenação

do aluno, mas sim, o ponto do processo para recomeçar um novo. Cabe ao professor acompanhar os alunos no processo, percebendo as dificuldades, apoiando-os, orientando-os, estimulando-os a se desenvolverem individual e coletivamente.

A avaliação na concepção Diagnóstica deixa claro a preocupação com a sondagem dos conhecimentos apresentados pelo professor. Podemos verificar esta prática na afirmação de Romão (apud Freire, 1981, p. 71). “[...] os alunos têm de se dotar de uma consciência continente a receber permanentemente os conhecimentos que o mundo lhe faz, e que se vão transformando em seus conteúdos”.

Se adotamos uma característica “autoritária” e “bancária” de educação; de acordo com Freire, forçamos o aluno a se transformar num depósito do “tesouro do saber”. Essa concepção de avaliação propõe que ela seja encarada pelos professores como uma via de mão dupla. Além disso, o papel dos professores não é o de encher o aluno de conteúdos, de “conhecimentos” de ordem técnica, mas de proporcionar através da relação dialógica, professor-aluno, a organização de um pensamento crítico.

Nessa perspectiva de educação percebe-se uma característica de avaliação que se preocupa apenas com a verificação dos “conhecimentos” apresentados pelo professor ao aluno, desconhecendo os procedimentos, instrumentos e estratégias utilizados pelo educando para absorção ou rejeição desses “conhecimentos”. Nesse processo, a prática avaliativa torna-se um ato de amor que conduz educador e educando a novos e diferentes caminhos e realizações. Segundo Hoffmann (2003, p. 35), “a avaliação nessa perspectiva deverá encaminhar-se a um processo dialógico e cooperativo, através do qual educandos e educadores aprendem sobre si mesmos no ato próprio de avaliação”.

No processo dialógico entre professor-aluno, ocorre a troca de experiências, pois todos passam a compartilhar das experiências dos demais. Assim, na visão de Hoffmann (apud Freire, 1986, p. 125).

O diálogo é a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum de conhecer e reconhecer o objeto de estudo. Então em vez de transferir o conhecimento, estaticamente, como se fosse posse fixa do professor; o diálogo requer uma aproximação dinâmica na aproximação do objeto.

Então é, na inter-relação que os alunos passam a adquirir uma aprendizagem eficaz e significativa, uma consciência crítica, ou seja, um importante passo para o exercício de sua cidadania. Esta visão de avaliação despertaria no educador para a relação dialógica, buscando alternativas para estabelecer sua aproximação e descobrir diferentes maneiras

de lidar com o educando. Desse modo, o processo avaliativo apóia-se na relação professor-aluno, devendo o professor conscientizar-se de sua prática avaliativa e ficar atento a dúvidas dos impasses e principalmente, estar aberto a essas possibilidades.

Esta característica de avaliação desponta como uma opção para os educando audaciosos, humildes, profissionais do ensinar-aprender, como meio possível de valorização do educando enquanto um ser sedento de conhecimentos, mas que também traz suas próprias experiencias. Portanto, para a avaliação surgir como um desafio para os educadores, visto que transgredir algumas regras e práticas avaliativas é um desafio.

Através do diálogo é possível estabelecer uma aproximação dinâmica na aproximação do objeto ao invés de transferir de forma estática, o conhecimento. Seu objetivo é a tomada de consciência do educador direcionando sua ação avaliativa para as relações dinâmicas e dialógica no processo ensino-aprendizagem. Essas, deverão ser, acima de tudo um meio para confirmar o desenvolvimento do aluno o alcance dos objetivos estabelecidos pelos professores.

Na ótica de Luckesi (2000, p. 106) “O ser humano é um ser que avalia, em todos os instantes de sua vida, dos mais simples aos mais complexos ele está tomando posição, manifestando-se como não neutro”. É importante salientar, que o educador é contribuinte do processo avaliativo. É preciso deixar bem claro que a avaliação é um instrumento valioso para acompanhar o desenvolvimento do educando, sem ela praticamente seria impossível esse acompanhamento.

A avaliação mediadora, está relacionada com a análise de toda e qualquer manifestação de aprendizagem do aluno. O professor tem o papel mediador. Neste sentido o professor permite através de hipóteses formuladas pelo aluno, elaborar suas próprias soluções, e ainda propicia uma ação educativa.

A avaliação, enquanto mediação significa encontro, abertura ao diálogo, interação. Uma trajetória de conhecimento percorrido num mesmo tempo e cenário por alunos e professores. Trajetos que se desencontram, por vezes, e se cruzam por outros, mas seguem em frente, na mesma direção. Assim, Hoffmann (2003, p. 57, apud Macedo, 1993, p. 30) afirma:

As tarefas são elementos essenciais para a observação das hipóteses construídas pelos alunos ao longo do processo. Através delas, professores de todos os graus de ensino poderão estabelecer diálogo com os educandos, no sentido de debruçar-se sobre sua produção de conhecimento para compreender em que momento se encontram e qual a dimensão do seu entendimento.

E portanto, é importante que se respeite o saber elaborado pelo aluno, espontâneo, partindo de ações desencadeadoras de reflexões sobre tal saber, desafiando o evoluir, encontrar novos e diferentes soluções às tarefas sucessivamente apresentadas pelo professor. O caminho para a avaliação mediadora não pode ser outro senão a busca de significado para todas as dimensões da relação entre educandos e educadores através de investigação séria acerca das peculiaridades dos aprendizes. A visão de quem quer conhecer para promover e não para classificar ou julgar; a certeza de que as incertezas são múltiplas em educação porque se baseiam em relações humanas, de natureza qualitativa.

Para uma prática avaliativa mediadora, deve-se oportunizar os alunos muitos momentos para expressar suas idéias, oportunizar discussão a partir de situações desencadeadoras, realizar várias tarefas individuais, investindo teoricamente, procurando entender razões para as respostas apresentadas pelos estudantes ao invés do certo/errado e da atribuição de pontos, fazer comentários sobre as tarefas dos alunos, auxiliando-os a localizar as dificuldades, oferecendo-lhes oportunidades de descobrirem melhores solução.

segundo Hoffmann (2003, p. 57, apud Macedo, 1993, p. 30)

Antes se tratava de saber bem (o professor), para transmitir ou avaliar certo. Agora se trata de saber bem para discutir com a criança, para localizar na história da ciência o ponto correspondente ao seu pensamento para fazer perguntas "inteligentes", para formular hipóteses, para sistematizar quando necessário.

O importante é garantir a espontaneidade do aluno na realização das mais diversificadas tarefas em todos os momentos da escola. O educador deve valorizar efetivamente toda a produção do estudante, partindo de suas idéias ou dificuldades para o planejamento de novas ações educativas, sendo assim, estará naturalmente tornando-o participante do processo. Hoffmann (2003, p. 58, apud. Rangel, 1992, p. 83), define:

É tempo de definir o papel do educador como mediador que dinamiza as trocas de ação entre o educando e o objeto do conhecimento vistas à apropriação do saber pelo sujeito e o mediador entre a criança e o seu grupo de iguais, viabilizando as trocas necessárias ao exercício das cooperações que sustentam o desenvolvimento das personalidades autônomas no domínio cognitivo moral, social e afetivo.

A avaliação mediadora, acontece quando se efetiva uma organização do ensino tomando os alunos produtores de conhecimentos, capazes de interagirem, discutirem e resolverem problemas no grupo. Para Hoffmann (2003, p. 58-59):

Os trabalhos em grupo são “gatilhos” para a reflexão de cada aluno, para o desenvolvimento do conhecimento em sua perspectiva de compreensão. Oportunidades de defender pontos de vistas espontâneas expressão do seu “vivido” [...], Assim, discussões em grupos são momentos que devem ser acompanhados pelo professor.

A avaliação mediadora exige a observação individual de cada aluno, atenta ao seu momento, no processo de construção do conhecimento, o que exige uma relação direta com ele a partir de muitas tarefas (orais ou escritas), interpretando-as, refletindo e investigando teoricamente razões para soluções apresentadas, em termos de estágios evolutivos do pensamento da área de conhecimento em questão, das experiências de vida do aluno. A prática tradicional coloca um ponto final a cada tarefa que o aluno faz. Mesmo que se dê a ação mediadora do professor, sob forma de explicações, sugestão de novas leituras.

### 1.3 Funções da Avaliação

A avaliação escolar apresenta três funções: Pedagógico-Didática, Diagnóstica e de controle. Cada função é importante para o processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, Libâneo (1994, p. 196-197) comenta:

O papel da avaliação pedagógico-didática é o cumprimento dos objetivos gerais e específicos da educação escolar. Ao se comprovar resultados do processo de ensino, evidencia-se ou não o entendimento das finalidades sociais do ensino, de preparação dos alunos para enfrentarem as exigências da sociedade, de inseri-los no processo global de transformação social. ”.

A função diagnóstica é a avaliação contínua. O professor tem a oportunidade de observar o progresso de seu trabalho. Nesta concepção, Libâneo (1994, p. 196-197) afirma:

[...] A avaliação diagnóstica ocorre no início, durante e no final do desenvolvimento de aulas ou unidades didáticas. [...], durante o processo de transmissão e assimilação é feito o acompanhamento do progresso dos alunos, apreciando os resultados, corrigindo falhas, esclarecendo dúvidas.

estimulando-os a continuarem trabalhando até que alcancem resultados positivos.

A função controle se refere a seqüência das verificações dos resultados escolares possibilitando ao professor o diagnóstico das situações didáticas e ocorre em um processo de interação professor-aluno no decorrer das aulas, através das múltiplas atividades, onde o professor pode avaliar a assimilação dos conhecimentos, habilidades e capacidades mentais do educando. Como afirma Libâneo (2006, p. 197),

Há um controle sistemático e cotidiano que ocorre no processo de interação professor-aluno no decorrer das aulas, através de uma variedade de atividades, que permite ao professor observar como os alunos estão conduzindo-se na assimilação de conhecimentos e habilidades e no desenvolvimento das capacidades mentais. Nesse caso, não se deve qualificar os resultados. O controle parcial e final se refere a verificações efetuadas durante o bimestre, no final do bimestre e no final do semestre ou ano, caso a escola exija o exame final.

As funções não atuam de forma separada. Há uma interdependência, visto que o processo avaliativo escolar deve ser contínuo em todos os aspectos.



## CAPITULO II

### Procedimentos metodológicos

A temática Avaliação Escolar: reflexões teóricas sobre a avaliação da aprendizagem, foi desenvolvido através de um estudo com o objetivos de analisar e identificar as concepções de avaliação e seus instrumentos utilizados pelos docentes. O universo desse estudo será os docentes das séries iniciais da Escola Estadual do Ensino Infantil e Ensino Fundamental Jaime Meira Fontes, na cidade de Sousa – Paraíba.

O corpo docente é formado por 12 (doze) professores da pré-escola á 4ª série, sendo 7 (sete), com curso superior e 8 (oito) com curso pedagógico. A escola possui 250 (duzentos e cinqüenta) alunos matriculados nos dois turnos.

Quanto ao procedimento de estudo de caráter exploratório que seguindo Gonsalves (2001: p. 168), (...) exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. Ou seja, este procedimento nos permitirá uma primeira aproximação para com o problema, além de no decorrer do trabalho nos proporcionar o conhecimento da forma de pensar e agir dos docentes acerca da avaliação do ensino e por fim, fazer-nos refletir sobre esse processo realizado em sala de aula.

O questionário foi o instrumento de trabalho da pesquisa, o qual foi respondido pelos professores da escola acima citada, para efeito de esclarecimento. O mesmo foi composto por questões abertas e fechadas onde foram colctadas informações sobre o atual sistema de avaliação da escola, e a prática avaliativa adotada.

Segundo informações coletadas através do questionário, os professores afirmaram que a avaliação escolar possibilita ao professor acompanhar se o aluno aprendeu determinado conteúdo utilizando os métodos qualitativos e quantitativos. O método quantitativo caracteriza-se pelo emprego da quantificação por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples como: percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas: coeficiente do correlação, análise de regressões. Deixando clara nossa posição em termos que não são os métodos quantitativos em si, os que produzem as injustiças sociais.

Quanto ao aspecto qualitativo deve estar presente informações colhidas por estudos essencialmente qualitativos. Ou seja, é uma forma de observar ou medir a forma

comportamental dos alunos e assim, definir o processo avaliativo, como sendo uma pesquisa moderna que utiliza a dicotomia entre os estudo quantitativos e qualitativos, entre o ponto de vista “estatístico” e “não-estatístico”, neste sentido, a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma forma do investigador justificá-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social.

Nesse processo avaliativo o professor avalia o aluno de forma contínua para verificar os vários momentos do seu desenvolvimento. Convém lembrar que este tipo de avaliação exige demais do professor, ou seja, dá mais trabalho na hora de avaliar o aluno. O estudo foi desenvolvido através de visitas sistemáticas à escola, onde foram realizados estudos enfocando a visão de vários autores, atentos e preocupados com essa problemática, como também, propostas possíveis na dinamização da prática avaliativa.

As atividades foram desenvolvidas por meio de reuniões, estudos teóricos e debates com o propósito de refletir e despertar idéias à prática do processo avaliativo em busca de uma flexibilização e descentralização; organizando conteúdos, metodologias e forma de avaliação que subsidie aos educandos o desenvolvimento da capacidade de aprender. Nessas condições, tanto educadores como educandos, devem reconhecer o verdadeiro sentido da pratica avaliativa, baseando-se numa perspectiva construtivista com função diagnóstica sem prejuízos no processo ensino-aprendizagem.

## Caracterização do estudo de campo

Com o intuito de obter informações acerca do processo avaliativo, escolhi como local do estudo, a Escola estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Jaime Meira Fontes, localizada à Rua Tenente Zuca nº 175 no bairro do Estreito, na cidade de Sousa – PB. A referida escola foi fundada no ano de 1991, pela professora Neudes Sarmento.

O quadro gestor é composto pela diretora Joana Isabel Neta da Silva, que desenvolve um trabalho em parceria com a comunidade, o que facilita o andamento dos educandos. Joana conta com a ajuda da sua vice-diretora Neusa Alves Alexandre e a colaboração do corpo docente formado por 10 (dez) professores lecionando da pré-escola à quarta série. Destes, 8 (oito) com curso superior (Pedagogia) e 2 (dois) com curso a nível médio (Pedagógico).

A escola possui 250 (duzentos e cinquenta) alunos matriculados nos dois turnos, 01 (um) vigia, 01 (uma) secretária e supervisora. Sua estrutura física é formada por 01 (uma) sala de diretoria, 01 (uma) secretaria, 3 (três) banheiros, 5 (cinco) salas de aula, 01 (uma) sala de professores, 01 (uma) cantina e 01 (um) pátio, onde acontecem as aulas recreativas e reuniões.

A escola funciona com muito empenho e dedicação. Além das turmas de Ensino Infantil e Fundamental, a escola trabalha com 2 (duas) turmas no “Projeto Aceleração”, com a participação e a colaboração de boa equipe de professores, supervisora e auxiliares. A escola conta ainda com o conselho escolar. Possui também vários alunos que fazem parte de projetos na FUNDAC (Fundação de Assistência à criança), onde os mesmos estudam em um turno e trabalham em outro, dignificando assim sua vida.

O objetivo principal da referida escola é preparar o educando para a realidade da vida, buscando e primando pelo aprimoramento da educação, mostrando que o ser humano tem que buscar seus valores, sem esquecer sua cultura, almejando sempre o conhecimento para enfim alcançar a sobrevivência. A instituição é aberta ao círculo de “Pais e Mestres” através de reuniões realizadas a cada bimestre, aproximando assim mais ainda, família e escola, por sentir que ambas necessitam está de mãos dadas para buscarem solucionar problemas encontrados, elaborar projetos e novas perspectivas à comunidade e acima de tudo para formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres perante a sociedade, buscando desta forma, o sucesso do educando.

## Capítulo III

### Análise dos Dados

A coleta de dados foi realizada através do conjunto de observações acerca do processo avaliativo escolar, com os professores da escola “Jaime Meira Fontes” – Sousa – PB. Na escola, pude perceber que a avaliação tem sido um instrumento de grande importância para o processo ensino-aprendizagem, no sentido de diagnosticar dificuldades e avanços do educando.

Em relação a idade dos docentes, observa-se que 80% dos mesmos, atinge uma faixa etária entre os 45 e 46 anos e 20% possui a idade de 59 anos. Observando que todos são do sexo feminino, mostrando assim, que o ensino infantil tem quase por unanimidade a presença feminina no cotidiano da sala de aula. Certamente isso acontece por vários fatores como a própria formação psicológica da mulher; um ser por vocação mais carinhoso, dedicado, sensível, e levando em conta também, o próprio espírito maternal, existente na presença feminina.

Diante dos dados coletados, identifiquei o tempo de magistério, onde 40% têm até 12 (doze) anos, 20% têm 17 (dezessete)anos, 20% têm 18 (dezoito) e 20% possui até seis anos de atuação como docente. Durante a realização da coleta de dados pude perceber que 100% possuem curso superior, ou estão cursando, nestes, 80% são graduados em Pedagogia, 20% em Licenciatura Plena em Geografia ainda em curso.

No que diz respeito ao ato de avaliar, todas são unânimes em afirmar que gostam de avaliar, pois é no processo avaliativo que detectam as dificuldades, verificam o desempenho e interesse dos alunos, e também, medem os conhecimentos adquiridos por eles.

Conforme a fala das docentes, todas relatam que professores e alunos participam ativamente do processo avaliativo, a fim de adquirir uma aprendizagem mais eficaz e significativa, ou seja, uma consciência crítica que impulsiona para o exercício da cidadania. Analisando o memento do planejamento sobre o ato de avaliar, todas as docentes participam desse espaço, mas, a maioria enfrenta dificuldades para avaliar seus

alunos, visto que há grande falta de interesse e estímulo dos próprios alunos na participação ativa durante as aulas.

Referente aos instrumentos ou meios que os professores utilizam para avaliar seus alunos, 20% responderam que utilizam a análise do processo individual dos alunos nas atividades diárias e 80% dos docentes responderam que a prova escrita, a observação e trabalhos em equipes são indispensáveis nesse processo e que sem eles, o ato de avaliar tornava-se vago ou sem sentido.

Em geral, na visão dos mesmos, a avaliação é um processo que serve como subsídio para o professor observar as dificuldades do aluno e, a partir dessas observações, o professor pode melhorar sua prática de ensino, proporcionando-os uma aprendizagem de qualidade. Seria bom que a prática de ensino na realidade funcionasse assim; buscando a melhoria, porém, esta realidade é bem contraditória, pois não basta diversificar os instrumentos avaliativos para se ter um ensino-aprendizagem eficiente, mas principalmente, tentar mudar a concepção sobre a complexidade do processo avaliativo para alguns docentes.

Percebi que 50% das docentes, ao avaliar seus alunos observam o domínio da aprendizagem e a participação como um dos aspectos fundamentais ao ato de avaliar, e, 50% do número de docentes entrevistados analisam a assiduidade, o interesse, o comportamento e até a criatividade como fatores que também influenciam na avaliação. Um docente enfatiza: “Procuro sempre respeitar e aproveitar o que diz os alunos”.

Todos os docentes utilizam em suas práticas avaliativas, o processo de revisão de conteúdos antes de avalia-los, pois só assim, verifica se realmente houve ensino-aprendizagem. Nas discussões, percebe-se que as docentes quando vão iniciar um conteúdo procuram conversar com seu alunos para ver o que já sabem a respeito daquele tema. Uma outra docente questiona: “Muitas vezes planejo tal conteúdo para aquela determinada aula e na sala sempre mudo algo”.

Quanto ao conceito de avaliação 50% das docentes entendem a avaliação como um processo contínuo e 50% diz ser um método pelo qual verifica-se o desempenho dos alunos sobre o processo ensino-aprendizagem. A avaliação é um processo que requer reflexão e preocupação teórica. Sobre o momento da recuperação, 50% das docentes relataram que a melhor hora para se trabalhar a recuperação do processo avaliativo, é sempre após o término de cada conteúdo trabalhado, ou após o final do semestre.

Assim, o aluno adquire um maior nível de conhecimento em relação aos conteúdos e um desenvolvimento significativo na aprendizagem.

A avaliação deve ser utilizada com o caráter educativo que proporcione a construção do conhecimento e não com caráter punitivo. A avaliação é hoje, um tema que tem ocupado bastante espaço nas discussões dos profissionais na área da educação, na busca de um melhor entendimento e prática dessa ação. Então, um dos principais objetivos da avaliação em si é favorecer a aprendizagem, corrigir as deficiências nela contidas e verificar se os objetivos elaborados foram realmente atingidos.

Neste contexto, Sant'Anna (1995, p. 7) enfatiza:

A avaliação escolar é o termômetro que permite confirmar o estado em que se encontra os elementos envolvidos no contexto. Ela tem um papel altamente significativo na educação, tanto que nos arriscamos a dizer que a avaliação é alma do processo educacional.

Avaliar implica numa interação plena com algo desejado para assumi-la ou rejeitá-la. Percebi, ainda em contato com os professores que o fenômeno avaliação é hoje uma questão confusa. Professores e alunos atribuem diferentes significados relacionados principalmente aos elementos constituintes da prática avaliativa tradicional, como sendo, provas, notas, conceitos boletim, recuperação, reprovação (...).

Visto dessa forma, a maioria dos docentes acham que a concepção de avaliação marca a trajetória de alunos e professores, até então, é a que define essa ação como julgamento de valores dos resultados alcançados, ou estabelece uma comparação do que foi alcançado com o que se pretende atingir.

## Capítulo IV

### **Atividades realizadas com os docentes, diretora e supervisora**

Com o objetivo de compreender como se dá o atendimento dos docentes sobre a avaliação da aprendizagem, realizamos o 1º encontro com a participação dos docentes, da supervisora e a diretora, onde estudamos o texto “as múltiplas dimensões do olhar avaliativo”.

A temática “Avaliação da aprendizagem escolar” significa, na minha visão, um processo abrangente; utilizar a avaliação como instrumento de trabalho para o desenvolvimento do educando, requer que ela não seja encarada ou interpretada pelo educador como um momento estático, mas sim, como um momento de acompanhar o desenvolvimento do aluno de forma a ajudar a superar eventuais dificuldades.

É importante o professor definir a sua prática pedagógica para que ela não seja um mero fazer. Assim, a avaliação subsidia o educador para uma reflexão contínua sobre a sua prática docente. Ao me propor estudar este tema junto com os docentes, fiquei muito satisfeita com a disponibilidade dos mesmos.

No primeiro momento com o grupo, ficou nítida a participação e o interesse em participar e expor suas concepções acerca do processo avaliativo e em especial, sobre a importância desse estudo para a escola.

Foi possível então, perceber que cada professor continha informações diferentes a respeito das avaliação escolar. No decorrer do encontro com os docentes, enfocando o processo avaliativo, apresentei o texto: “O João de barro”, de Hamilton Werneck, que trata de uma das características relacionadas à avaliação, onde uma das docentes questiona: “A gente vive procurando fazer sempre o melhor para os alunos, mas, não temos a ajuda necessária, na maioria das vezes, nem deles nem dos pais, mas eu não desisto”.

Com base nessas afirmações vimos que para a docente, o seu trabalho é buscar fazer sempre o melhor para os educandos, promovendo assim o desenvolvimento,

favorecendo a aprendizagem, localizando as dificuldades e necessidades dos mesmos com a ajuda de duas instituições indispensáveis: a família e o governo.

Outra docente relata: “Eu como professora tenho o dever de diagnosticar o desempenho dos meus alunos nas diversas práticas escolares, para desencadear a construção da sua experiência de vida”.

Na prática, a realidade é outra, a avaliação em si é praticada de forma tradicional. Quando uma professora diz: “Avaliar é atribuir média ao conhecimento do aluno, serve somente para constatar e entregar as notas à secretaria”. Na visão do docente o ato de avaliar se resume apenas na atribuição de notas e médias que expressem aprendizagem bem ou mal sucedida.

Para a outra professora: “A prática avaliativa continua sendo a mesma, conservadora e tradicional com aquele cunho de apenas constatar e não intervir para mudar”. A partir do comentário da docente o conceito de avaliação continua sendo feito de uma forma estática de caráter classificatório, visando apenas os elementos constituintes de uma prática avaliativa tradicional: provas notas, conceitos e boletim.

Visto que, não saber avaliar quando se tem todo um conhecimento acerca da temática trabalhada é preocupante, principalmente quando envolve o passar de uma série para outra, ou seja, a maior preocupação na verdade são as notas, os conteúdos. Existe na realidade uma grande dificuldade em tornar a avaliação uma prática significativa ao processo ensino-aprendizagem.

É preciso deixar bem claro que para o educador mudar é difícil, mas como educadores conscientes da nossa verdadeira prática avaliativa é preciso e urgente, principalmente enfatizar que a teoria e prática caminham juntas, uma não anda sem a outra.

Enfim, acredito que como profissionais e educadores que somos, devemos valorizar o desenvolvimento e formação humana. Devemos também pensar e caminhar para uma



educação em que o conhecimento seja mediatizado pelo diálogo entre educador e educando. “De fato, uma prática pedagógica sadia é aquela que tem por base a aliança entre educador e educando”. (LUCKESI, 2001, p. 46).

Realizamos o debate sobre as características da avaliação com reflexões quanto a questão de muitos educadores que ainda insistem na prática tradicional, deixando assim de ser um mediador do conhecimento.

Um dos participantes declarou: “Vejo que o diálogo entre o professor e o os alunos é muito importante e que também as respostas dos mesmos possibilitam perceber as necessidades individuais”. Diante disso, Romão (1998), afirma que a avaliação deixa de ser um processo de cobranças, deve ser encarado como um momento de transformação e aprendizagem.

Continuando o debate, outro professor falou: “Muitas vezes planejo (tal) conteúdo para determinada aula e na sala sempre termino mudando algo. Diante dessa afirmação podemos concluir que o planejamento é algo flexível. Romão (1998), afirma que na avaliação cidadã, a preocupação maior deve estar inserida no verdadeiro planejamento educacional, aponta dois problemas que devem ser superados: a discriminação dos pais e alunos e a historização positivista dos componentes curriculares.

Mediante o comentário de uma das docentes: “A avaliação aplicada deveria motivar mais os alunos. Agente deve acreditar mais neles e dá mais liberdade para expressar o que sabem”. Sabemos que a avaliação é um processo que tem como finalidade diagnosticar as dificuldades para depois serem trabalhadas. Romão (1998) comenta:

A avaliação da aprendizagem deve ter sempre uma finalidade exclusivamente diagnóstica, ou seja, ela se volta para o levantamento das dificuldades dos discentes, com vistas à correção de rumos, à reformulação de procedimentos didático-pedagógicos, ou até mesmo, de objetivos e metas.

Ao encerrar este encontro vi que cada participante tem dentro de si o desejo de fazer o melhor e estão a cada dia buscando o aperfeiçoamento de sua ação pedagógica.

Iniciamos outro encontro com o texto reflexivo “O macaco”, onde o autor Hamilton Werneck confronta a imagem do professor a uma das características da avaliação. Houve a leitura do texto, cada participante do encontro deu a sua opinião. Uma das docentes fez o seguinte comentário: “Eu acho que o professor sempre deve ajudar os

seus alunos a desenvolver suas capacidades e habilidades sem que venha a denegrir a imagem do educando”.

Logo após este primeiro momento, começou a discussão sobre o tema proposto: “Algumas definições do conceito de avaliação”, segundo a visão dos autores: Sarabbi, Bloom, Hoffmann, Luckesi e Melchior. Cada participante apresentou a sua opinião sobre a visão de avaliação que cada autor citado acima reflete. O primeiro comentou: “A avaliação não é só de alunos, mas é também do professor. Quando meus alunos estão lendo eu me sinto muito gratificado e me realizo com a minha turma.

Sobre este pensamento Bloom afirma que o desenvolvimento profissional do educador, vai depender de sua habilidade em garantir evidências de avaliação, que envolve, informações e materiais, no intuito de sempre melhorar seu ensino, e o que é mais importante, a aprendizagem dos alunos.

Em seguida outro professor disse que “Com a avaliação os professores e alunos serão capazes de tanto agir como refletir sua prática”. Diante disso, Hoffmann (1993) afirma que a avaliação é um movimento que se refere a própria ação e reflexão.

Continuando os debates, um dos participantes destaca que a avaliação precisa trabalhar a individualidade do aluno, “a prova não mede conhecimento”. Hoffmann (1993), em um de seus conceitos diz que a avaliação mediadora exige a observação direcionada individualmente a cada aluno, devendo-se está atento ao processo de construção do conhecimento.

Prosseguindo nosso trabalho, sempre em clima de muita participação e entusiasmo, outra professora fez o seguinte comentário: “A avaliação é uma relação entre professor e aluno muito presente; é uma troca”. Hoffmann (1993), fala que o processo avaliativo, enquanto uma relação dialógica, concebe o conhecimento como apropriação do saber pelo educando e pelo educador, utiliza o termo “ação – reflexão - ação”.

Concluindo o debate, outro professor destaca que a avaliação serve como um meio para mediar a compreensão. Luckesi (1997), apresenta o conceito de que a avaliação deverá ser assumida como um instrumento para a compreensão do estágio de aprendizagem em que o aluno está vivenciando, tendo por objetivo central, a tomada de decisões, que sejam satisfatórias ao processo de aprendizagem do mesmo. Os debates sobre os conceitos de avaliação possibilitaram a cada professor o repensar sobre sua prática avaliativa.

Ao realizarmos o estudo do texto “As principais características da avaliação” os docentes tiveram um prévio conhecimento sobre algumas características da avaliação, entre elas, a classificatória, dialógica e diagnóstica, fazendo uma leitura silenciosa e logo em seguida uma leitura oral pelos docentes, enfim, uma reflexão sobre o texto.

Diante desta reflexão feita, uma docente falou: “Jamais colocaria em minha prática a avaliação classificatória, pois de certo modo, é um instrumento do tipo autoritário, vi que as vezes, possibilita o acesso a uns e aprofundamento a outros. Então, vista assim, a característica classificatória enfatiza o existente, o produto. Luckesi (2000, p. 76), afirma: “No cotidiano escolar a única decisão que se tem tomado sobre o aluno tem sido a de classificá-lo num determinado nível de aprendizagem, a partir de menções, sejam elas em notações numéricas ou em notações verbais”.

A avaliação diagnóstica, é compreendida como um processo contínuo e paralelo ao processo ensino-aprendizagem. Luckesi (2000, p. 43), explica:

Há muito tempo se vem demonstrando que só com boas intenções, não se modifica o mundo, muito menos ele será transformado por esta via idealista. Teoria e prática, apesar de serem abstratamente distinguíveis, formam uma unidade nação para a transformação [...]. A avaliação educacional escolar como instrumento de classificação, não serve em nada para a transformação.

Uma outra docente confirmou que concorda plenamente com Romão (1998), quando diz que a avaliação da aprendizagem deve ter uma finalidade exclusivamente diagnóstica, em outras palavras, se volta para o levantamento das dificuldades

específicas de cada aluno, tendo em vista, a tomada de decisões, que venham de encontro com as necessidades reais da aprendizagem dos mesmos.

Analisando de acordo com essa visão, diagnosticaremos sempre o “problema” ou melhor, localizaremos as dificuldades do aluno para podermos enfim, reformular os objetivos.

Discutindo a avaliação dialógica ou cidadã, uma docente afirma: o importante é ver a forma como o aluno constrói o conhecimento. Só assim o desempenho real do aluno é analisado, deve ser considerada tanto a avaliação “auto, interna, diagnóstica, qualitativa e em condições pessoais”, como a avaliação “hétero, externa, quantitativa e referenciada em padrões sociais”.

Outra docente diz: “A avaliação não deve ser um momento só de cobrança, mas que essa cobrança também se transforme em aprendizagem. Portanto a avaliação deixa de ser um processo punitivo para ser um momento de reflexão ao aprendizado”.

Os docentes apresentaram pontos essenciais que servem para auxiliar a ação didática. E um dos docentes, à respeito das funções avaliativas destacou um dos pontos que lhe chamou a atenção nesse texto. Na prática escolar cotidiana, a função de diagnóstico é mais importante porque é a que possibilita a avaliação do cumprimento da função pedagógico-didática.

Um dos docentes fala: “Chego a conclusão que as funções da avaliação nos leva a dois caminhos; diagnosticar e classificar”. Um outro docente faz o seguinte relato: “Vejo que uma função não pode caminhar sem a outra; isso é muito importante”. Nesse contexto Libâneo (1994, pp. 196-197), afirma: “Essas funções atuam de forma interdependente, não podendo ser consideradas isoladamente”.

Frente às discussões uma docente enfatizou que foi muito importante essa oportunidade de estudar as funções avaliativas no nosso dia-a-dia, porque até então, eu

não havia despertado para a importância das mesmas. Todos os participantes saíram empolgados com o estudo do texto e convictos que todo educador precisa entender que a avaliação é um processo complexo, mas necessário para aprimorar o processo ensino-aprendizagem. Como afirma Sant'Anna (1995, p. 36)

A importância da avaliação, bem como seus procedimentos, tem variado no decorrer dos tempos, sofrendo a influência das tendências de valorização que se acentuam em cada época, em decorrência dos desenvolvimentos da Ciência e da tecnologia.

Debatemos inicialmente o texto: "O significado dos registros" de Jussara Hoffmann, onde os professores expressaram suas dificuldades encontradas no assunto exposto. Todos foram unânimes em dizer que os registros refletem não só a visão do professor em relação ao aluno, mas também a própria ação pedagógica do professor.

Há uma preocupação geral dos docentes em saber se estão agindo certo ou errado. Um dos educadores afirma que dá até dó na consciência quando vai fazer os registros: "será que esse aluno cometeu esse erro, por querer cometer? Como estava psicologicamente este aluno quando deixou de fazer certa tarefa? E quando agride um colega?" Comentou outra educadora.

Uma professora diz que a autora Jussara Hoffmann aponta os erros, mas não mostra um caminho possível para a correta realização dos registros. Hoffmann (2001, p. 140), coloca que

O processo de atribuição de notas é cientificamente comprovado em sua falibilidade, assim como uma avaliação classificatória é comprovadamente excludente. Precisamos, frente a novas concepções avaliativas e pedagógicas diferenciadas, dar-lhes o crédito de experiências em construção, confiantes em seu caráter humanizador e ético.

Como podemos fazer registros que sejam humanizados e éticos? Perguntou outro docente. Hoffmann (2001), diz que nada em avaliação vai servir como regra geral, em outras palavras não existem "receitas prontas", em termos de procedimentos.

Todos foram conscientes de que os estudiosos do assunto não deveriam apontar somente os erros, mas poderiam indicar caminhos concretos para resolvê-los ou amenizá-los. Eles deixam tudo na "subjetividade" afirmou outro.

Em educação cada situação se apresenta de forma diferente e exige uma solução diferenciada, pois não existe regra infalíveis para com a educação.

Prosseguindo os debates, a supervisora disse: “Desde a pré-escola, o aluno deve ser trabalhado também na escrita, pois quando chega na primeira série vem acostumado só em pintar, desenhar, colar.

Sentimos a preocupação dessa educadora, mas a criança na pré-escola não pode fazer diferente porque cada série é um processo e portanto, nesta etapa, já se pode começar o incentivo à escrita, não esquecendo das especificidades das crianças deste nível de ensino.

A professora C usou a palavra e comentou; “Sentimos muita dificuldade em trabalhar esses instrumentos de verificação, pois o aluno não tem interesse e, na maioria das vezes não quer nada”.

Compreendemos que assim como o professor, o aluno necessita ser estimulado a todo instante para que ele possa crescer. Na visão de Luckesi (1997, p. 32), “A avaliação educacional deverá manifestar-se como um mecanismo de diagnóstico da educação tendo em vista o avanço e o crescimento e não a estagnação disciplinadora”.

Ao concluir o encontro, cada participante agradeceu a oportunidade de ter participado desses encontros, enquanto espaço de enriquecimento e aplicação dos conhecimentos referentes ao tema estudado.

Prosseguindo as atividades do estágio, estudamos “Avaliação Escolar – Responsabilidade” de Maria Celina Melchior. No início do encontro fizemos a leitura do texto e em seguida, cada participante fez seu comentário sobre cada parágrafo. Uma das professoras comentou: “Avaliar todo o processo e não só o aluno”. Sobre este comentário diz Libâneo (1994, p. 203). “A avaliação escolar portanto envolve a objetividade e a subjetividade tanto em relação ao professor como aos alunos”.

A avaliação é um processo contínuo que envolve o aluno e o professor, pois há uma relação intrínseca entre ambos.

Outro docente falou: “A avaliação individual é a melhor”. Ainda para Libâneo (1994, p. 103). “A avaliação escolar é um processo contínuo que deve ocorrer nos mais diferentes momentos de trabalho”.

Um docente disse: “falta o compromisso da família e recursos didáticos”. Todos acharam que essa docente tinha razão, pois a instituição familiar está em crise, deixando até certo ponto o seu papel para que a escola realize. Por isso a escola está passando por alguns problemas, visto que a escola não pode substituir as famílias.

No último encontro debatemos o texto “Instrumento de Verificação do Rendimento escolar”. O debate foi muito polêmico, mas bem interessante; houve muito interesse de todos os participantes, pois é o tema do dia a dia de cada professor. Ao iniciar as discussões do texto, a professora A, afirmou: “Eu valorizo a avaliação qualitativa porque ajuda o aluno a ser responsável”.

Podemos constatar que o processo de avaliação inclui instrumentos e procedimentos diversificados. A avaliação qualitativa é muito importante, mas deve vir acompanhada também da quantitativa. O professor B coloca: “A prova dissertativa é difícil de ser desenvolvida porque o aluno não quer raciocinar. Ele tem preguiça”.

Vimos então, que para evitar as dificuldades com o tipo de prova dissertativa é necessário haver métodos através de exercícios que superem as dificuldades. Libâneo (2006, p. 205), aponta que,

[...] se durante as aulas não foi empregada uma metodologia adequada para os alunos se expressarem corretamente, fazerem relações entre fatos, coisas e idéias, exercícios práticos e etc, uma avaliação deste tipo será inútil.

Prosseguindo os debates, a supervisora disse: “Desde a pré-escola, o aluno deve ser trabalhado também na escrita, pois quando chega na primeira série vem acostumado só em pintar, desenhar, colar.

Sentimos a preocupação dessa educadora, mas a criança na pré-escola não pode fazer diferente porque cada série é um processo e portanto, nesta etapa, já se pode começar o incentivo à escrita, não esquecendo das especificidades das crianças deste nível de ensino.

A professora C usou a palavra e comentou; “Sentimos muita dificuldade em trabalhar esses instrumentos de verificação, pois o aluno não tem interesse e, na maioria das vezes não quer nada”.

Compreendemos que assim como o professor, o aluno necessita ser estimulado a todo instante para que ele possa crescer. Na visão de Luckesi (1997, p. 32), “A avaliação educacional deverá manifestar-se como um mecanismo de diagnóstico da educação tendo em vista o avanço e o crescimento e não a estagnação disciplinadora”.

Ao concluir o encontro, cada participante agradeceu a oportunidade de ter participado desses encontros, enquanto espaço de enriquecimento e aplicação dos conhecimentos referentes ao tema estudado.



## Conclusões

A avaliação da aprendizagem escolar está predominantemente a serviço da ação, colocando o conhecimento obtido, pela observação ou investigação a serviço do educando. Portanto, o presente trabalho não teve a intenção de indicar um único caminho a ser seguido pelos professores, mas discutir a avaliação escolar, proporcionando o desenvolvimento da sua prática pedagógica.

No decorrer deste estudo refletimos sobre a prática de avaliação dos docentes da Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental Jaime Meira Fontes – Sousa – Paraíba, identificando os instrumentos avaliativos utilizados, a metodologia utilizada na prática avaliativa como também, as concepções dos educadores acerca da temática estudada.

Segundo informações coletadas através do questionário, os professores afirmam que a avaliação escolar possibilita ao professor acompanhar se o aluno aprendeu determinado conteúdo. Percebi que utilizar a avaliação para o desenvolvimento do educando requer que a mesma não seja encarada ou interpretada pelo educador como um momento estático, mas antes de tudo como um processo de acompanhamento do aluno do aluno de forma a ajudar a superar eventuais dificuldades.

É importante que o professor defina a sua prática pedagógica para que ela não seja um simples fazer por fazer. Desta forma, a relação de poder do professor sobre o aluno continua existindo e evidencia-se nas observações dos instrumentos de avaliação utilizados pelos professores na escola.

De certa forma, a avaliação tem levado o educador a uma reflexão contínua sobre sua prática docente e a buscar caminhos que possam subsidiar e/ou contribuir efetivamente com a transformação desta, em busca de melhorar a qualidade de ensino e da aprendizagem, de modo que os alunos possam adquirir confiança na sua capacidade de aprender.

A avaliação é o momento mais importante em que o professor busca informações sobre o educando. Assim, a avaliação contínua tem a função de identificar as dificuldades do aluno quanto a sua aprendizagem e conseqüentemente superá-las. As provas escritas continuam sendo instrumentos mais utilizados na prática docente e na

maioria das vezes é quem decide o desempenho dos alunos por meio de uma média, número e conceito.

Os encontros formam bastante proveitosos, refletimos sobre a prática avaliativa dos professores. Uma das docentes afirmou: “A avaliação que era realizada com os alunos era feita de maneira tradicional. Hoje, a avaliação para nós tem outro sentido, outra visão, nos mostrando que avaliar não se resume em simplesmente aprovar ou reprovar”. Enfim, a avaliação continua sendo um meio para que o professor ajude o educando a melhorar o próprio desempenho, questionando hipóteses lógicas e reconstruindo conhecimentos.

Na visão de uma das docentes o estágio teve o rendimento esperado, devido ao espaço de aperfeiçoamento e aprendizagem vivenciado a cada dia, como também, a responsabilidade de nos auto-avaliar e rever nossa prática, permitindo que sejamos avaliados continuamente.

Vale salientar que as leituras revelaram os grandes desafios de redimensionarmos a prática avaliativa, criando na escola, universos de nossas reflexões, o compromisso de que o aluno compreenda verdadeiramente a função e o significado da prática avaliativa na sua vida.

Para que este compromisso se torne uma prática real, é necessário envolver o aluno no Projeto Político Pedagógico da escola, que o ajudará a buscar outros conhecimentos. Este estudo contribuiu não só para o meu crescimento, como também, para os professores, pois a avaliação só será eficaz quando o professor participar conscientemente com intuito de melhorar esse processo.

## Referências

GONSALVES, Elisa Pereira. "**Escolhendo o percurso metodológico: Conversas sobre iniciação a pesquisa científica**" – Campinas, SP: Alínea, 2001.

HOFFMANN, Jussara M. L. **Avaliação: Mito e Desafio**. 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 1991.

\_\_\_\_\_. **Avaliação Mediadora. Uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 13ª ed. Porto Alegre: Mediação 1993.

\_\_\_\_\_. **Avaliar para promover. As setas do Caminho**. 5ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da educação 9.394/96, Brasília, 1996

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Adriana de Oliveira. **Avaliação escolar: Julgamento X Construção**. Petrópolis, RJ; Vozes, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições**. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. **Avaliação do rendimento Escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

PRADO, Clarilza de Sousa (org) **Coleção Magistério – SP: Papyrus**. 1993.

PEDRA, José Alberto. **Currículo, Conhecimento e suas Representações**. Campinas, SP: Papyrus, 1997. (Coleção Práxis).

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: Métodos e Técnicas – São Paulo: Altas – 3ª ed.** 1999

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação Dialógica. Desafios e Perspectivas**. 5ª ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos**. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1995.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação Emancipatória: desafios e teorias e à prática de avaliação e reformulação de currículo**. 13ª ed. – São Paulo: Cortez, 1995.

WERNECK, Hamilton. **Prova, Provão, Camisa de Força de Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

# ANEXOS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**DISCIPLINA: Estágio Supervisionado em Supervisão**

Caro professor (a),

Este trabalho tem como objetivo coletar informações referentes ao processo avaliativo desenvolvido nas séries iniciais do ensino fundamental.

Nesse sentido, a sua colaboração ao responder o referido questionário é de fundamental importância para o desenvolvimento do nosso trabalho.

Antecipadamente agradecemos a sua colaboração.

**QUESTIONÁRIO**

Dados pessoais/formação \_\_\_\_\_

Idade \_\_\_\_\_

Sexo \_\_\_\_\_

Tempo que atua como professor \_\_\_\_\_

Formação ( ) Nível Médio / Qual? \_\_\_\_\_

( ) Nível Superior / Qual? \_\_\_\_\_

1. Você gosta de avaliar?

( ) Sim ( ) Não

Justifique:

---

---

2. Quem participa do processo avaliativo?

---

---

---

3. Na escola onde você trabalha, existem momentos de estudo sobre o ato de avaliar?

Sim             Não

Justifique:

---

---

4. Você enfrenta dificuldades para avaliar seus alunos?

Sim             Não

Quais?

---

---

5. Quais os instrumentos que você utiliza para avaliar seus alunos?

Observação

Prova oral

Prova escrita

Trabalho em grupo

Trabalho individual

Outros

Quais?

---

---

6. Quais os aspectos que você considera ao avaliar seus alunos?

Domínio de aprendizagem

Comportamento

Freqüência

Interesse

Participação

Criatividade

Outros

Quais?

---

---

7. Você revisa os conteúdos antes de aplicar novas avaliações?

Sim

Não

Por quê?

---

---

8. Em que momento você trabalha a recuperação com seus alunos?

Após o término de cada conteúdo

Após o término do bimestre

Após o término do semestre

Após o término do ano letivo

9. Para você, qual o principal objetivo da avaliação?

- Favorecer a aprendizagem
- Corrigir as deficiências na aprendizagem
- Classificar os alunos
- Verificar se os objetivos elaborados foram atingidos
- Outros

Quais?

---

---

10. O que você entende por avaliação?

---

---

---



## O Macaco

Gaiato, brincalhão, sempre tem platéia em qualquer zoológico. Pois bem, nossas escolas encobrem um tipo de professor exatamente igual ao macaco. Não são muitos. Bastam alguns para comandar a festa e deixar alunos em estado de ridículo. O professor macaco quando avalia seus alunos, faz questão de comentar as provas aplicadas e, neste momento, à medida que vai denegrindo a imagem de seus discípulos, colocando-os em extremo ridículo, provoca enormes gargalhadas dos colegas tendo a impressão de que com isso está conseguindo aumentar o seu bom relacionamento com a turma de educandos.

Faz com que os alunos tenham vergonha de enfrentar novamente os colegas, outros guardarão a marca daqueles assuntos e momentos ridicularizados. Enfim comenta resultados em público para fazer pilhérias. Rir dos alunos, pode ser a idiota maneira de rir de si mesmo porque não percebeu a sua obrigação de Ter ensinado.

Hamilton Werneck

## Estudo Errado

Gabriel O Pensador

Eu to aqui Pra quê?  
Sei lá que é pra aprender?  
Ou será que é pra aceitar, me acomodar e obedecer?  
Tô tentando passar de ano pro meu pai não me bater  
Sem recreio de saco cheio porque eu não fiz o dever  
A professora já tá de marcação porque sempre me pega  
Disfarçando espiando colando toda prova dos colegas  
E ela esfrega na minha cara um zero bem redondo  
E quando chega o boletim lá em casa eu me escondo  
Eu quero jogar botão, vídeo-game, bola de gude  
Mas meus pais só querem que eu "vá pra aula!" e "estude!"  
Então dessa vez eu vou estudar até decorar cumpádi  
Pra me dar bem e minha mãe deixar ficar acordado até mais tarde  
Ou quem sabe aumentar minha mesada  
Pra eu comprar mais revistinha (do Cascão?)  
Não. De mulher pelada  
A diversão é limitada e o meu pai não tem tempo pra nada  
E a entrada no cinema é censurada (vai pra casa pirralhada!)  
A rua é perigosa então eu vejo televisão  
Tá lá mais um corpo estendido no chão)  
Na hora do jornal eu desligo porque eu nem sei nem o que é inflação  
Ué não te ensinaram?  
Não. A maioria das matérias que eles dão eu acho inútil  
Em vão, pouco interessantes, eu fico pu...  
Tô cansado de estudar, de madrugar, que sacrilégio  
Vai pro colégio!!)  
Então eu fui relendo tudo até a prova começar  
Voltei louco pra contar:

**Amanhã! Tirei um dez na prova**  
Me dei bem tirei um cem e eu quero ver quem me reprova  
Decorei toda lição  
Não errei nenhuma questão  
Não aprendi nada de bom  
Mas tirei dez (boa filhão!)

Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci  
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi  
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci  
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi  
Decoreba: esse é o método de ensino  
Eles me tratam como ameiba e assim eu num raciocino  
Não aprendo as causas e conseqüências só decoro os fatos  
Desse jeito até história fica chato  
Mas os velhos me disseram que o "porque" é o segredo

Então quando eu num entendo nada, eu levanto o dedo  
Porque eu quero usar a mente pra ficar inteligente

Eu sei que ainda num sou gente grande, mas eu já sou gente  
E sei que o estudo é uma coisa boa  
O problema é que sem motivação a gente enjoa  
O sistema bota um monte de abobrinha no programa  
Mas pra aprender a ser um ignorante (...)  
Ah, um ignorante, por mim eu nem saía da minha cama (Ah, deixa eu dormir)  
Eu gosto dos professores e eu preciso de um mestre  
Mas eu prefiro que eles me ensinem alguma coisa que preste  
- O que é corrupção? Pra que serve um deputado?  
Não me diga que o Brasil foi descoberto por acaso!  
Ou que a minhoca é hermafrodita  
Ou sobre a tênia solitária.  
Não me faça decorar as capitânicas hereditárias!! (..)  
Vamos fugir dessa jaula!  
"Hoje eu tô feliz" (matou o presidente?)  
Não. A aula  
Matei a aula porque num dava  
Eu não agüentava mais  
E fui escutar o Pensador escondido dos meus pais  
Mas se eles fossem da minha idade eles entenderiam  
(Esse num é o valor que um aluno merecia!)  
Iiuh ... Sujo (Hein?)  
O inspetor!  
(Acabou a farra, já pra sala do coordenador!)  
Achei que ia ser suspenso mas era só pra conversar  
E me disseram que a escola era meu segundo lar  
E é verdade, eu aprendo muita coisa realmente  
Faço amigos, conheço gente, mas não quero estudar pra sempre!  
Então eu vou passar de ano  
Não tenho outra saída  
Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida  
Discutindo e ensinando os problemas atuais  
E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais  
Com matérias das quais eles não lembram mais nada  
E quando eu tiro dez é sempre a mesma palhaçada

### Refrão

Encarem as crianças com mais seriedade  
Pois na escola é onde formamos nossa personalidade  
Vocês tratam a educação como um negócio onde a ganância a exploração e a indiferença são sócios  
Quem devia lucrar só é prejudicado  
Assim cês vão criar uma geração de revoltados  
Tá tudo errado e eu já tou de saco cheio  
Agora me dá minha bola e deixa eu ir embora pro recreio ..

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SUPERVISÃO**

### QUESTIONÁRIO

1. Qual a contribuição do estágio para você?

---

---

---

---

2. O estágio contribui para você refletir sobre sua prática avaliativa em sala de aula?

( ) Sim                      ( ) Não

Justifique:

---

---

3. Quais foram os pontos positivos e negativos do estágio?

---

---

---

---

## **A Serpente Venenosa**

É o tipo de professor, de andar solene, olhar aparentemente meigo, transportando um sorriso ao estilo Monalisa, características de Serpentes venenosas, enganam e matam.

O professor Serpente Venenosa usa um processo de avaliação claramente marcado por questões traiçoeiras, questões feitas para pegar no contrapé, até os alunos mais espertos. A Serpente é especialista em elaborar provas – arapuca. Questões não para verificar se o aluno aprendeu, mas para saber se ele é capaz de escapar aos enganos escondidos em palavras de duplo sentido, já tendo certeza que é muito difícil de acertar.

A educação deve ser vacina, nunca veneno. A função do educador é ensinar, nunca provocar a eliminação sem sentido.

A Serpente não avalia nada, é preciso que se anule essa avaliação, que nada contribui para o conhecimento. A vida apesar de inúmeras dificuldades não é feita de tantas charadas e armadilhas. É preciso ser bíblicos e expulsar das escolas, a Serpente Venenosa como a outra foi expulsa do paraíso.

Hamilton Werneck